

EDITORIAL

Este número da **prisma.soc** celebra os 35 anos da Licenciatura em Sociologia na Universidade de Coimbra, no âmbito dos 50 anos da Faculdade de Economia. Mais do que uma mera ocasião celebratória, este momento e esta publicação convocam a inspiração fundadora e os percursos multifacetados da “Sociologia de Coimbra”. A *Escola*, que se construiu entre a FEUC e o Centro de Estudos Sociais, constituiu, ao longo dos anos, um *corpus* muito diversificado de linhas de pesquisa e ensino. Integrando múltiplas problemáticas (desigualdades e trabalho, justiça e relações de poder, cultura e globalização, família e estudos de género, cidades e migrações, ciência, tecnologia e sociedades de informação, entre outras), congregou pessoas de variados e cruzados caminhos, construindo uma rede cosmopolita, tecida em relações e cumplicidades, científicas e afetivas, dentro e fora da Universidade, consolidando um quadro reflexivo e um acervo de projetos, atividades e publicações, sempre em expansão. A partir da Faculdade de Economia e do Centro de Estudos Sociais, com a Sociologia veio uma eclética partilha de saberes, distinta no seu modo crítico e interdisciplinar de apreender os fenómenos socioeconómicos e de os ensinar, contribuindo para a qualidade intelectual e formativa da comunidade onde se insere.

Este número associa algumas das rubricas habituais da **prisma.soc** a textos e imagens que recuperam memórias e trajetórias dos 35 anos de vida da “Sociologia de Coimbra”, marcados pelo início da Licenciatura. De um passado tido sempre como fundador, até às ambições presentes, vemos os percursos múltiplos de quem passou e não voltou, de quem nunca saiu, de quem veio para ficar, de quem entrou e saiu, de quem saiu e voltou. Na singularidade de cada percurso está sempre a marca de quem declara alguma pertença ao lugar académico e científico desta *Escola*. Projetos em curso, testemunhos de vida e de pesquisa, notícias, eventos, dissertações e teses revelam a matriz heterogénea e inquieta desta escola de Sociologia. Com 35 anos, nos 50 anos da FEUC, queremos celebrar o passado, pensando o futuro, com o propósito, desde o início fixado, de contribuir para uma sociedade mais justa e consciente de si.

Daniel Francisco, Sílvia Portugal. ■

35 ANOS	2
A Turma de 88	6
Quem Chegou Agora?	11
Entrevista	13
Memórias Fotográficas	16
No Terreno	18
Projetos	21
Socio.net	23
Ganhar a Vida	24
Vai e Vem	25
Notícias	27
Evento	29
Ufa!	30

Boaventura de Sousa Santos

A criação da licenciatura em Sociologia na Faculdade de Economia foi um processo longo e muito amadurecido. Durante o longo período da ditadura salazarista (1926-1974) as ciências sociais, e muito particularmente a sociologia, eram um tema quase proibido e os poucos estudos que surgiam nesta área eram feitos em instituições com outros interesses temáticos, sobretudo economia. Quem se interessava em aprofundar os seus estudos na sociologia tinha de o fazer no estrangeiro. A Faculdade de Economia da nossa universidade foi criada em 1972, já no final do regime fascista. No final do ano seguinte, fui convidado para leccionar a cadeira de Introdução às Ciências Sociais do primeiro ano da licenciatura em economia. Eu tinha acabado o meu doutoramento na Universidade de Yale e, embora estivesse decidido a assumir a cadeira de sociologia do direito na Universidade de Nova Iorque (Buffalo), vim a Portugal, atento aos sinais do fim da ditadura, para ver se haveria condições para prosseguir a minha carreira em Portugal. A condição principal era o regresso da democracia. Iniciámos as aulas em Outubro de 1973, em 25 de Abril do ano seguinte foi a Revolução dos Cravos e tudo o que ela prometia. Decidi de imediato ficar em Portugal e formar uma equipa de estudos sociais à volta da cadeira de Introdução às Ciências Sociais e de outras cadeiras optativas do curso de economia. A partir daí, tudo o que fizemos foi trabalho coletivo.

Havia muito pouca gente formada em sociologia em Portugal e a pouca que havia, formada no estrangeiro, estava a ser solicitada por várias universidades, elas também a despertar, tal como nós, para os estudos sociais. Esta carência transformou-se numa vantagem, uma vez que havia jovens licenciados em áreas afins, desde o direito e da psicologia à geografia e demografia, cujo interesse principal era a sociologia como tema de estudo, um interesse suprimido pelos limites que a ditadura impunha aos estudos sociológicos. Contratámos vários deles e iniciámos um intenso processo de formação interna.

No plano sociológico (como noutros), Portugal era uma realidade quase desconhecida e um campo imenso de investigação. Era, por outro lado, uma sociedade que não tinha profissionais formados em sociologia a exercer funções especializadas nem no sector público nem no sector privado, ao contrário do que sucedia nos países europeus democráticos. Havia, pois, uma dupla falta, de investigação e de profissionalização. Decidimos dar prioridade à

investigação com o objectivo de preparar um corpo científico que mais tarde pudesse leccionar um curso de sociologia. Em 1978, criámos o Centro de Estudos Sociais (CES) e logo depois a *Revista Crítica de Ciências Sociais* (RCCS).

Entretanto, em Portugal foram sendo criadas licenciaturas em sociologia, nomeadamente nas Universidades de Lisboa, de Évora, do Porto e da Beira Interior. Em Coimbra, surgiram várias tentativas, uma, na Faculdade de Letras e outra, na Faculdade de Ciências. Mas o grupo mais consistente de sociologia estava na Faculdade de Economia e a pouco e pouco a nossa proposta foi ganhando vantagem sobre as outras. Nessa altura, início da década de 1980, já estava excluída a possibilidade de se criar uma faculdade autónoma dedicada às ciências sociais. Daí a necessidade de optar pela integração da sociologia numa das faculdades existentes. Sabendo que éramos o grupo mais consistente, não tínhamos pressa em criar a licenciatura. Como referi, a nossa prioridade era estudar a sociedade portuguesa que se nos afigurava ser um campo fascinante e com a qual tínhamos o compromisso social e político: contribuir com o nosso conhecimento para o seu desenvolvimento e para a consolidação da jovem democracia. As reuniões no CES eram longas, em que por vezes participavam estudantes, ora sobre temas concretos da sociedade portuguesa, ora para discussão de um texto proposto a discussão, quer de carácter teórico, quer de carácter empírico. Esse trabalho de reflexão era feito aliás com a colaboração de colegas de outras faculdades – neste sentido, é de salientar o papel do saudoso colega António Gama, do departamento de geografia da Faculdade de Letras que faleceu prematuramente sem poder desenvolver plenamente todo o extraordinário potencial de investigador e de cientista que existia nele.

Assim se foi desenhando com cuidado o perfil da licenciatura. Sabíamos que estávamos a construir uma especialização que tinha muito pouca densidade institucional em Portugal, uma vez que, como referi, durante a ditadura salazarista os estudos sociológicos eram quase clandestinos. No documento que elaborámos para justificar a criação da licenciatura escrevíamos:

“Não é recente o interesse da Universidade de Coimbra pela Sociologia (Cf. Boaventura S. Santos e J. Madureira Pinto, “A Sociologia em Portugal”, in Franz Heimer, As Ciências Sociais em Portugal, Lisboa, no prelo). A penetração das preocupações e do objecto teórico desta disciplina em diversas



Testemunhos

Carla Peixe

Entrei em Sociologia na FEUC em 1988 e licencieme em 1993. A experiência enquanto estudante foi bastante tranquila, e de forma geral satisfatória. Comecei, no entanto, a experimentar alguma apreensão à medida que me aproximava do final do percurso, apercebendo-me de que não iria ser possível realizar estágio curricular e entre as opções disponíveis para realização do seminário de investigação do 5º ano não existia nenhuma no âmbito da sociologia organizacional/do trabalho. Capitalizei algumas experiências anteriores e contactos para poder enquadrar no trabalho final algumas temáticas, então, do meu interesse, como o empreendedorismo/emprego/empregabilidade, acabando, assim, por fazer o Seminário em Sociologia Rural e Urbana sobre o Programa Iniciativa Local de Emprego (do IIEP--Instituto

Emprego e Formação Profissional) em Aveiro. As minhas primeiras experiências profissionais decorreram enquanto ainda estudante (3º ano), colaborando pontualmente com uma empresa de consultoria e projetos de Aveiro, no âmbito da Formação Profissional.

A partir da frequência do Curso de Formação Pedagógica de Formadores de Formadores, que frequentei em simultâneo com o Seminário de Investigação (5ºano), iniciei uma atividade regular de Formadora de Formadores que vim a intensificar durante vários anos com vários organismos, entre outros: empresas; IIEP; AIDA- Associação Industrial do Distrito de Aveiro; Associação Industrial Portuguesa- AIP-COPRAI Formação e Desenvolvimento Empresarial; AIP- Associação Industrial Portuguesa (atual AEP- Associação Empresarial de Portugal); CTT Correios de Portugal; Fundação Oliveira Martins.

Mantendo atividade de formadora e consultora como profissional liberal, integrei um projeto profissional com a Multiaveiro, Projetos de Formação e Investimentos, Lda., como diretora, função desempenhada também noutra empresa congénere (a Multialentejo, Projetos de Formação e Investimentos, Lda.), que nasceu em 2002 em Portalegre como forma de garantir a proximidade a clientes institucionais da zona Norte Alentejo. A atividade destas empresas concentrou-se na consultoria a IPSSs, associações e empresas (nas áreas do diagnóstico, planeamento, execução e gestão da formação; estudos; diagnóstico organizacional; plano de desenvolvimento e projetos de investimento) e autarquias (formação; estudos; diagnóstico organizacional e diversos instrumentos de planeamento municipal: diagnóstico social concelhio; planos de ação; planos para a igualdade; estratégias locais de habitação; cartas municipais, etc), integrando equipas de trabalho multidisciplinares como a psicologia, *marketing*, serviço social, sociologia, gestão, economia, geografia, planeamento e arquitetura. Com uma maior expressão das ciências sociais, contámos, ao longo dos anos, com diversos recursos humanos nos quadros de pessoal licenciados em sociologia, especificamente sete (7) no total, quatro (4) dos/as quais formados/as pela FEUC. Também na bolsa de fornecedores/as externos contamos com formadores/as; consultores/as, mediadores/as de formação da área da sociologia e muitos/as dos/as quais da FEUC.

A *Smart Living*, Lda, é o mais recente projeto empresarial, ligado à gestão imobiliária, alia a reabilitação de imóveis à promoção de vivências habitacionais inteligentes em meio urbano.

O contributo que a sociologia teve no meu percurso profissional remete-me, sem qualquer dúvida, para a conclusão de que a formação académica de base que obtive, com forte vertente generalista, assegurou a aquisição de aptidões, principalmente concetuais, que mobilizei e transferi para as experiências e desafios profissionais que fui acolhendo em diferentes áreas. Desde logo, o domínio de conceitos e metodologias na procura, processamento e apresentação de informação, o pensamento analítico e as competências comunicacionais potenciaram a minha prática profissional. ■

José Luís Marques

É com muito gosto que participo neste conjunto de testemunhos sobre os 35 anos da Licenciatura em Sociologia da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC). O nosso curso, a nossa faculdade. Comemoração destes 35 anos quando a FEUC comemora os seus 50 anos de atividade. É caso para dizer, então, que estamos todos de parabéns!

Este testemunho é como aluno do primeiro curso de Sociologia, 1988-1993, então Licenciatura de cinco anos, sendo o último semestre dedicado a um seminário de investigação, com entrega do respetivo relatório final, ou “tese”, como dizíamos entre nós. Assim terminávamos o nosso curso... se não houvesse cadeiras em atraso.

De facto, foi um momento marcante aquele de outubro de 1988, em que se iniciaram as aulas do nosso curso na FEUC. Momento muito ansiado por todos os envolvidos, a Direção, os professores e, claro, os novos caloiros da faculdade (os primeiros de um curso que não o de Economia), chegados a uma etapa fundamental da sua vida, a Universidade!

Sendo o primeiro curso, tudo o que aconteceu foi, inevitavelmente, inédito, ou seja, acontecia pela primeira vez, naquele contexto, naquelas circunstâncias, com aquelas pessoas. Vivemos, até, um período extraordinário para toda a comunidade académica da FEUC: saímos das antigas e degradadas instalações, no início de 1989, e apenas voltámos às novas instalações, que hoje se conhecem, em outubro de 1990, se não me está já a faltar a memória.

Em se falando de edifícios, vem a propósito a expressão “ver para além das fachadas” (Peter Berger), uma das primeiras ideias que aprendemos no nosso curso sobre a perspetiva sociológica, o método científico aplicado à análise dos factos sociais. Uma ideia que, naturalmente, me acompanhou ao longo do curso, mas que perdurou depois disso, perdura ainda até hoje e foi muito útil foi ao longo da minha vida profissional. Apesar de não ter seguido a carreira académica e de investigação, sinto que muito do que consegui conquistar em termos profissionais devo à minha formação académica inicial.

Em concreto, à forma como se desenvolveu cada um daqueles anos da licenciatura, a aposta na investigação de variados temas (avaliação assente em trabalhos), e respetiva partilha com professores e colegas, defesa, discussão, debate, contraditório. Muito disto seria útil após a saída da faculdade e a imersão no mundo da prática profissional fora do contexto académico, pois fomos estimulados o gosto por método, objetividade, foco, rigor, partilha, responsabilidade, transparência, reflexividade, empatia (porque não?) e escrita/capacidade de redação. Quantas vezes, no início da minha carreira como o “sociólogo de serviço”, fui solicitado para a elaboração dos relatórios deste e daquele projeto, de diagnósticos de território como fundamentação para a aplicação de políticas de desenvolvimento local/regional, ou ainda dos descritores sociais em estudos de impacto ambiental.

Sou dirigente na administração pública há quase 20 anos, gosto do que faço e adoro a expressão “servidor público”, sobretudo no que a mesma significa em termos de colocar o nosso trabalho a favor dos outros, dar aos outros algo mais do que aquilo que esperam de nós, atitude e postura em que a costela de sociólogo, provavelmente, tem alguma responsabilidade. Trabalhando na área da educação, da formação profissional, da gestão das pessoas e das organizações, deparo-me frequentemente com desafios e exigências em que as competências (assim lhes devemos chamar) enunciadas no parágrafo anterior têm que ser convocadas. Tenho consciência de que as aprendi e desenvolvi nas nossas aulas, nas horas de estudo, nas aulas práticas, nas dinâmicas de grupo, no *feedback* dos professores e das professoras, que muito me honra conhecer e ter como mestres. Cada um de nós tem as suas características próprias, as suas capacidades, apetências, tendências, mas os anos da nossa formação académica inicial são fundamentais para nos preparar para o que vem a seguir, a vida ativa, ainda que muito mais estudo e trabalho tenhamos pela frente, outros(as) mestres ainda conheçamos e nos surjam as mais diversas oportunidades, às quais respondamos melhor ou pior. Nós somos nós e a nossa circunstância, citando Ortega Y Gasset.

Aqueles anos, os anos de estudante universitário, são, de facto, dos melhores das nossas vidas... pois

nem só de trabalho e estudo vive um homem ou uma mulher! O tempo da Universidade vive-se, deve-se viver, em toda a sua plenitude! Por isso, não poderia terminar este texto sem referir o quão importante foi a camaradagem e amizade que conheci por parte daqueles que me acompanharam naquele percurso. Laços que ainda perduram. Por isso, lembro aos colegas de 1988-1993 que este ano cumprimos 30 anos de formatura. Mais um momento, motivo, para novo (re)encontro! ■

Helena Machado

Em 1988, quando ingressei na FEUC, a Sociologia era uma área do saber ainda pouco conhecida do grande público em Portugal. Frequentemente confundida com Serviço Social ou encarada numa dimensão instrumental de apoio a estudos demográficos, de mercado ou a sondagens de opinião, à época a Sociologia estava ainda numa trajetória de afirmação enquanto disciplina de formação especializada no Ensino Superior. Integrei a “primeira fornada” de sociólogos formados pela Universidade de Coimbra, beneficiando do clima de entusiasmo e vibrante experimentação académica que marcou esse início. Uma consolidada e plural formação teórica e o usufruto de uma ampla liberdade de pensamento foram os aspetos mais marcantes do meu percurso como estudante de Sociologia na FEUC e que influenciaram decisivamente a minha carreira na docência e investigação universitárias.

Recordo-me das ansiedades e dúvidas que frequentemente assolavam a nossa turma, quando pensávamos no futuro profissional e refletíamos em termos pragmáticos e instrumentais como poderíamos vir a concretizar e potenciar os conhecimentos adquiridos. Em suma, deparávamo-nos com as sensações descritas pelo sociólogo Andrew Abbot (2001), na sua obra “O Caos das Disciplinas” quando afirmou que “a sociologia é a mais geral das ciências sociais ou, para dizer de maneira mais educada, a menos definida” (p. 3) e, portanto, está mais aberta à contestação e à desvalorização do seu estatuto epistémico e da sua autoridade disciplinar.

Um dos desafios mais problemáticos com que se confrontam os sociólogos e os estudantes de Sociologia é o facto de um conjunto alargado de atores sociais – do cidadão comum, aos políticos, comentadores televisivos, etc. – se sentir capaz de reivindicações legítimas de possuir conhecimento sobre questões e objetos que estão dentro do domínio disciplinar da Sociologia. Enquanto que em domínios como as ciências naturais ou as engenharias é esperado que o “locus da interpretação legítima” (Collins e Evans, 2007) caiba exclusivamente a especialistas destas áreas, em contraste, o “social” é um campo de produção de conhecimento público, aberto a reivindicações de conhecimento e perícia da parte de “todos” (Lewis et al. 2023). Neste contexto, os sociólogos encontram obstáculos em deter autoridade cultural para afirmarem uma especialização distinta. Como se os sociólogos em vez de conhecimento especializado detivessem uma espécie de conhecimento ubíquo.

Um dos fatores que explicam a desvalorização do saber especializado da Sociologia é o facto das questões de pesquisa estarem profundamente imbricadas com o conhecimento público e senso comum e os interesses públicos. No entanto, a discussão pública de temas que se enquadram no domínio disciplinar da Sociologia raramente envolve sociólogos e escassamente concede a estes especialistas uma posição de analistas privilegiados e de legítimos intérpretes do social.

Torna-se imperativo realizar uma distinção entre aqueles que simplesmente experimentam e compreendem as regras da sociedade no que se refere às suas próprias experiências de vida e aqueles que tentam entender seu funcionamento à luz de teorias e metodologias da Sociologia. Esta distinção entre conhecimento especializado e outras formas de conhecimento do social não significa estreitar o locus da interpretação legítima de tal forma que apenas os sociólogos são capazes de fazer afirmações de conhecimento sobre o social, mas sim de reivindicar a distinção do conhecimento e experiência derivadas da socialização disciplinar e da reflexão analítica alicerçada em teorias e estudos empíricos prévios.

A formação académica que recebi na Licenciatura em Sociologia da FEUC capacitou-me para refletir criticamente sobre estas questões e proteger-me contra os riscos da banalização do conhecimento sobre o social que desafiam e vulnerabilizam o estatuto de especialista do sociólogo. Ao longo do meu percurso no curso de Sociologia aprendi uma valiosa lição: a ilusão da ubiquidade do conhecimento sobre o social serve agendas de poder e tem implicações no exercício da cidadania. Para manter viva a peculiaridade da Sociologia num contexto de crescente mercantilização e racionalização da produção de conhecimento é imprescindível reforçar a vocação pública desta disciplina (Burawoy, 2016), bem como fomentar parcerias criativas e estimulantes com a sociedade civil. Estas iniciativas devem integrar abordagens críticas, transformativas e emancipatórias que sirvam propósitos de proteção de bens coletivos e que promovam maior igualdade no acesso a recursos, bem-estar e justiça social. ■

Referências:

Abbott A (2001) *Chaos of Disciplines*. Chicago: Chicago University Press.

Burawoy M (2016) *The Promise of Sociology: Global challenges for national disciplines*. *Sociology* 50(5): 949–959.

Lewis J, Bartlett A, Riesch H, Stephens N (2023) *Why we need a Public Understanding of Social Science*. *Public Understanding of Science*: doi: 10.1177/09636625221141862.



Janine Ferreira

No âmbito dos 50 Anos da FEUC e como estudante do 1º Curso de Sociologia, fui desafiada para falar da importância do curso de Sociologia no meu percurso de vida.

Tenho 52 anos, sou coordenadora de projetos numa Associação que envolve empresas e meio académico e que promove a Investigação e a Inovação. Fui aluna na FEUC, em 1988, portanto, há 34 anos, mas lembro-me como se fosse ontem dos colegas, dos convívios, de algumas aulas magistrais, dos professores, ... Acrescento, com satisfação, que os colegas e Professores também se lembram de mim, apesar de não ter sido uma aluna brilhante.

Não haverá dúvidas de que o Ensino Superior é uma oportunidade enriquecedora, mas não só de conhecimentos e de ciência. É-o sobretudo de partilha de experiências e de perspetivas diferentes das nossas... uma etapa na vida marcante, repleta de expectativa e de esperança, única pelas oportunidades que nos proporciona...

Entrei no Curso que escolhi, tive essa sorte, mas não sabia bem o que me esperava. Era o 1º ano do Curso em Coimbra e o debate entre as ciências exatas e sociais, e entre estas e a construção do conhecimento científico ofuscava, como ainda atualmente, a Sociologia.

Mas há dois aspetos da minha formação que o curso de Sociologia me deu e que dificilmente outro curso me daria:

A formação de âmbito geral recebida. Tenho trabalhado em diversas Instituições Públicas, Privadas, com e sem fins lucrativos, tendo desenvolvido as mais diversas atividades. Os conhecimentos de diversas áreas que recebi ao longo do curso, como sejam as noções sobre Administração, Educação, Organizações, Desenvolvimento Regional e Urbano, Economia, etc..., ajudaram-me e prepararam-me para desenvolver trabalhos de investigação nas mais diversas áreas. A perspetiva crítica, a abordagem transdisciplinar e sistémica dos problemas, a capacidade de ver para além das fachadas, de procurar, de ler com capacidade crítica, e a consciência dos outros e das suas opiniões, foram-me dadas pelo Curso. Ser capaz de pegar nos mais diversos documentos e assuntos, produzindo relatórios críticos e apresentando propostas de

ações, é uma capacidade fruto da minha formação em Sociologia. Sem me aperceber disso durante o Curso, recebi afinal as competências necessárias para enfrentar o Mundo em cenários de mudança, com autonomia, espírito crítico e empreendedor.

Numa Sociedade e Mundo em contante mudança, mudanças aceleradas, com incertezas e adversidades à mistura, o Ensino oferece caminhos de oportunidades e desenvolvimento. Se queremos ter uma Sociedade mais aberta ao mundo e à mudança, responsável, inclusiva e integradora, acredito que as ciências sociais terão um papel determinante para alavancar o conhecimento, o desenvolvimento e a progressão da Humanidade. Em particular, destaco a Sociologia, pela sua abordagem interdisciplinar e multidisciplinar, a qual permite otimizar o conhecimento, a Investigação, a Inovação e a Cultura.

A capacidade que ainda hoje me é pedida de todos os dias para investigar, inovar e desenvolver novos projetos com a abertura de espírito, a capacidade de criar pontes e parcerias com diferentes entidades advêm, sem dúvida alguma, do espírito crítico que o curso me deu.

Numa altura em que é feito um apelo à Sociedade em geral e à Educação, em particular, para que se promovam as competências transversais, só posso afirmar que as Ciências Sociais, não se tratando de uma área capaz de produzir novos produtos ou sistemas, ou de produzir indicadores facilmente mensuráveis, podem trazer esta perspetiva diferenciadora de fazermos mais e melhor.

Muito obrigada pela oportunidade! O meu reconhecimento ao meu percurso está no Curso de Sociologia. Apesar de, na altura, ter tido dificuldade em compreender como poderia utilizar os conhecimentos no mundo do trabalho, hoje estou alinhada com a importância do Curso na minha vida e sua importância no mundo, acreditando no seu enorme contributo para futuro mais humanista e promissor!

Muito obrigada a todos, principalmente aos meus colegas de Curso e aos Professores, pelo companheirismo e debate crítico de ideias!

E Parabéns à FEUC! ■

Rosa Monteiro

No exercício de reflexão biográfica, como este que me é pedido, inevitavelmente nos confrontamos com o papel das pessoas, das instituições e suas fases, mas também com os caminhos para a compreensão das estruturas sociais e das suas transformações. Assim me acontece ao pensar no meu regresso à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, como professora auxiliar, depois de vários anos de interregno na atividade académica. Um interregno para o desempenho de funções políticas, que entendi como de “sociologia pública”, a tal “consciência da sociologia para políticas públicas” na conceção de Burawoy, mobilizada como alavanca de transformação social, de justiça social e de combate às desigualdades e discriminações.

Volto à FEUC, a casa-mãe da minha formação em sociologia, num tempo de aceleração - aceleração das práticas de ensinar e de aprender, dos resultados, de aceleração das relações. No tempo da voracidade das métricas e indicadores de desempenho a que as universidades e quem nelas vive está sujeito, um tempo contrastante com aquele em que fui cá estudante. Entrei na FEUC, para uma licenciatura de cinco anos em sociologia, em 1989, ano da queda do Muro de Berlim, o “início” de uma outra história, aberta à hegemonização do neoliberalismo ocidental. Longe da consciência plena dessa mudança global em curso, encontrei nesta escola um ambiente de conhecimento, de descoberta da explicação científica das coisas que nos rodeiam e inquietam, enfim, um ambiente de pensamento crítico fundamentado e transformador. A descoberta da sociologia, por exemplo nas magistrais e inspiradoras aulas de Introdução às Ciências Sociais, representou um ponto de viragem. Mais à frente, a consolidação das ferramentas para escrutínio sociológico das desigualdades, em particular aquelas que impendem de forma transversal nas vidas das mulheres. Foi nas relações que estabeleci com colegas e professoras, e que considero únicas a esta casa, à

FEUC, que alicercei os meus interesses de pesquisa e de trabalho, como professora, como investigadora, como académica feminista.

O tempo do meu regresso já não é aquele tempo longo e do vagar, mas tenho confirmado que, continua a ser o tempo do ensino e desenvolvimento de uma sociologia crítica, de um conhecimento reflexivo fundamental aos e às novas profissionais que formamos. ■.



Foto: Daniel Neves da Costa



Foto: Ana Raquel Matos

António Carvalho

Docência em tempos distópicos

Entre Outubro de 2020 e Agosto de 2021 fui Professor Auxiliar Convidado no núcleo de sociologia da FEUC, tendo sido o docente responsável pelas unidades curriculares de Metodologia de Pesquisa e Técnicas Qualitativas de Investigação, bem como por duas turmas de aulas práticas de Introdução às Ciências Sociais. Ainda durante a pandemia de COVID-19, esta experiência coincidiu com o regresso às aulas presenciais, o que se manifestou na frequente utilização de máscaras e de álcool-gel para a diminuição das probabilidades de transmissão do vírus.

Envolvido num aparato profilático que por vezes condicionava a comunicação e a visualização (com as lentes dos óculos permanentemente embaciadas devido à máscara FFP2), estas aulas de licenciatura decorreram enquanto finalizava o projeto de investigação TROPO (Ontologias do Antropoceno em Portugal – Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Tecnologias Emergentes), e facultaram a tradução de reflexões e

questionamentos do mundo da investigação para o bloco de ensino.

O caráter interativo e essencialmente prático das unidades curriculares manifestou-se num processo de aprendizagem coletiva: por um lado, as/os estudantes tinham uma primeira experiência com algumas abordagens e técnicas frequentemente mobilizadas em contexto de investigação científica; no meu caso, era permanentemente surpreendido pelas reflexões e desconstruções que emergiam durante os exercícios práticos, gerando uma discência emblemática dos processos pedagógicos.

Tendo em conta o caráter anómico e distópico da atualidade – para além da pandemia, a guerra na Ucrânia, com todas as consequências associadas –, esta experiência de docência também se assumiu como um compasso que indicava as tensões, contradições e fraturas do presente, reforçando a capacidade da investigação sociológica para fazer sentido da contemporaneidade e da prática de ensino enquanto um fenómeno de questionamento coletivo e de permanente rutura epistemológica. ■

Entrevista com Pedro Quintela, Aluno da primeira turma do Doutoramento em Sociologia

Cátia Cardoso

Doutoranda em Sociologia, FEUC

Pedro Quintela foi aluno da primeira turma do Doutoramento em Sociologia, percurso concluído em 2021 com a tese "O trabalho criativo em Portugal: uma análise a partir do caso do design de comunicação". Em 2022 proferiu a Conferência Inaugural do Ciclo de Conferências do curso de Doutoramento em Sociologia, com o tema "Investigando o trabalho criativo: dos principais debates sociológicos aos desafios da pesquisa em Portugal". Profissionalmente, desenvolve estudos nas áreas dos projetos e políticas culturais, planeamento estratégico, desenvolvimento regional, projetos e políticas urbanas. Nesta entrevista fala de como conciliou diferentes projetos e considera que a estrutura do doutoramento se mantém, com uma abordagem abrangente e aberta aos interesses dos/as doutorandos/as.

CC: De que forma é que a FEUC surgiu no seu percurso académico?

PQ: Fiz a Licenciatura em Sociologia, no ISCTE, ainda nos cursos pré Bolonha, tínhamos de fazer uma tese final e estava muito ligado às questões da sociologia urbana. Depois, comecei a trabalhar na Quartenaire, onde ainda trabalho, e a misturar muito as questões do planeamento urbano com as da cultura. Senti vontade de aprofundar esses temas e isso coincidiu com a primeira edição do Mestrado em Cidades e Culturas Urbanas, da FEUC. Já conhecia os trabalhos de algumas pessoas da FEUC, e fiz essa primeira edição, gostei bastante. Entreguei a tese no início de 2010. A partir daí, fiquei com vontade de continuar a estudar. Embora soubesse que queria estudar questões ligadas a cultura e às artes, preferia um doutoramento com abordagem mais abrangente e isso coincidiu com abertura do Doutoramento



Conferência Pedro Quintela

Foto: CIREP

em Sociologia. A abordagem era mais generalista, ninguém estava a trabalhar as questões da cultura, para além de mim, portanto, deu para abrir o leque de discussão e atualizar algumas referências. A minha ideia inicial estava muito ligada à do Mestrado (mediação cultural), mas, à medida que fui refletindo, comecei a orientar a tese para outros caminhos. Foi um processo longo, mas a componente letiva, que foi de um ano e meio, foi bastante interessante, as aulas funcionavam com discussão de textos, como éramos poucos tínhamos todos de participar bastante, ficou um grupo de trabalho bastante coeso, embora muito diverso, as nossas investigações eram todas muito diferentes. Foi uma experiência completamente diferente da do Mestrado, que era mais específico.

Alguns desses aspetos, diria, mantêm-se. Ao longo destes anos acompanhou o curso, tendo percepção da sua evolução?

Vou acompanhando pelas notícias de colegas que estão a defender teses, pelos ciclos de conferências, ou com a PRISMA. Acho que uma das marcas do doutoramento que se mantém é a diversidade de temas que é muito grande. À medida que fui entrando no tema do doutoramento, acabei por não acompanhar tanto os colegas das turmas mais recentes. Depois vou sabendo, volta e meia, pelos professores, quem fica responsável pelas disciplinas. A estrutura tem-se mantido: uma componente ligada às teorias, perceber os temas que estão no topo da agenda sociológica e abordagens mais metodológicas. Acho que a matriz do doutoramento não se alterou muito do ponto de vista dos eixos fundamentais e da abordagem não especializada em termos de áreas de estudo ou linhas teóricas mais privilegiadas. A abordagem é bastante abrangente e aberta aos interesses dos estudantes.

Trabalhar na área que se está a estudar, de certa forma, torna o processo de investigação mais fácil ou mais complexo?

Um bocadinho antes de começar o doutoramento, a colega Paula Guerra (da FLUP) tinha acabado de ganhar um projeto de investigação e eu fazia parte da equipa. Esta combinação de estar em várias frentes ao mesmo tempo, combinando consultoria com projetos de investigação, com os próprios projetos, acaba por ser um desafio. Para mim acabou por ser importante. O processo do doutoramento acaba por ser bastante isolado e, portanto, é um esforço de concentração que durante, idealmente, três ou quatro anos, estás concentrado sobre aquele tema. Para quem, como eu, vinha já de uma prática de trabalho, habituado a estar com outras pessoas e ter vários projetos em mãos ao mesmo tempo, acabou por ser mais fácil. Tive alguma dificuldade em fazer a transição para a lógica de concentração muito prolongada no tempo. Acabou por ser um balanço bom. Agora teve o revés, acabei por demorar mais tempo. A concentração é precisa para se chegar aos

resultados necessários. A minha perspetiva é que há aqui um investimento em termos de tempo continuado, em termos de leitura, trabalho do terreno, leitura, análise de dados, que não é compatível com estar a fazer muitas outras coisas. Mas, ao mesmo tempo, dois ou três anos concentrado só nisso acaba por ser um esforço um bocadinho chocante. Não digo que isto seja receita para todas as pessoas, mas para mim foi um balanço que consegui encontrar. Foi uma gestão que fui fazendo com ritmos muito diferentes. A partir de certa altura, fui trabalhando por blocos, concentrava-me para redigir capítulos e isso deu espaço para maturar algumas ideias. A tese não foi escrita de rajada. Há vantagens e desvantagens. A desvantagem foi demorar mais tempo. A vantagem foi que as questões foram sendo mais maturadas.

Falando do trabalho científico e das conclusões da tese, considerando a transversalidade de algumas questões, quais são os maiores desafios para o setor cultural e criativo no futuro?

Estudei as questões do designer da comunicação, sempre numa perspetiva de ser um setor exemplar de questões mais gerais. Os desafios são muito diversos e para me centrar só no contexto português, o primeiro grande desafio tem que ver com a forma como o setor tem vindo a ser trabalhado do ponto de vista, tanto académico, como das políticas públicas. Embora do ponto de vista concetual, desde meados dos anos 2000, este setor esteja assumido do ponto de vista da retórica, do ponto de vista das políticas públicas a abordagem é muito tradicional. E muitas áreas têm sido pouco trabalhadas, seja nos instrumentos de apoio ao setor, questões do mercado de trabalho, de legislação laboral, como se criam mecanismos diferenciados de apoios... porque há outros domínios que precisam de apoios além dos artísticos clássicos. Em Portugal, as abordagens aos pequenos freelancers, que estão a lançar-se no mercado, são praticamente inexistentes. Depois, há uma grande desarticulação entre as iniciativas do Poder Local e Poder Central. Existem situações de grande precaridade e o meu trabalho propõe uma leitura do setor do design que acho que pode ser alargada a várias áreas.

Ao longo de várias décadas, um conjunto de profissionais acaba por desistir porque é muito complicado construir uma carreira em áreas que são altamente precárias. Do ponto de vista da investigação, no caso português, em comparação com o contexto internacional, estamos um bocado atrasados, ainda muito ancorados nas profissões clássicas ligadas ao setor das artes. Muitas áreas permanecem por explorar e penso que isso é uma lacuna grave, porque não só cria um défice de informação do ponto de vista da investigação e conhecimento que se tem do setor, mas porque sabemos que uma parte importante da investigação sociológica tem a função de informar as políticas públicas.

Que questões em concreto ainda estão por estudar pela sociologia da cultura?

Sobretudo com a pandemia, houve uma dinâmica mais intensa de reflexão sobre o que é isto de trabalhar no setor das artes, da cultura, das indústrias culturais e criativas, o que são estes modelos de trabalho, em geral altamente precários. O triângulo - políticas, academia e sindicatos - são três frentes de trabalho muito importantes para os próximos anos. Muitas vezes a discussão fica muito centrada no peso económico do setor e discutem-se pouco outras questões, como as condições laborais e os impactos da precaridade (condições de vida, impactos psicológicos, forma como as pessoas se relacionam com mecanismos de autoexploração). A questão dos movimentos sociolaborais tem um potencial interessante, porque, de facto, este setor cultural e criativo é muito abrangente e variado e o que se percebe do que já se foi estudando é que há trajetos muito variados. Do ponto de vista da sociologia, é interessante perceber o que fazem os sindicatos e as formas inorgânicas ligadas às redes sociais, que surgiram na pandemia, e cruzar isto com outro tipo de organizações. Há áreas que não têm qualquer tipo de organizações, estão muito ligadas ao profissional liberal. Abordagens comparativas são sempre muito ricas, permitem perceber as nuances e, no fundo, o que proponho na minha investigação é fazer sempre uma leitura com

algum recuo histórico, para ter a perspetiva necessária para perceber como chegamos aqui. Muitos destes processos são longos e acho que tem muito interesse esta análise. Depois, a questão de género. Existem alguns trabalhos, mas nenhum sistemático. A literatura internacional diz-nos que existem tremendas desigualdades neste setor, de género, mas que depois são acumuladas com outros fatores, como classe social, orientação sexual, étnico-raciais. Esta dimensão, se quisermos, da desigualdade, cruzada com as questões do mercado de trabalho e das carreiras no setor cultural é um campo onde também há muito trabalho para fazer. Mulheres têm mais dificuldades em construir as suas carreiras. Tarefas com menor visibilidade, questões remuneratórias, conciliação da vida profissional e familiar, assédio: há várias questões por trabalhar e a sociologia tem muito trabalho. Finalmente, acho que há muitas áreas, sobretudo ligadas ao digital, que estão praticamente por explorar pela sociologia da cultura em Portugal. É importante perceber quais são estas profissões novas (webdesign, programação, storytelling), que têm muito a ver com esta ideia da economia criativa. Era importante que a sociologia pudesse acompanhar o que se está a passar, porque há muitas áreas que estão a passar fora do radar de muitos estudos. A sociologia podia dar um contributo importante, enquanto input para o próprio processo de decisão política. Se não há produção científica que chame à atenção para o que se está a passar (novas profissões, focos de desigualdades, áreas onde é preciso intervir) também não estamos a cumprir com o nosso papel enquanto disciplina, dentro deste campo das ciências sociais. ■

MEMÓRIAS FOTOGRÁFICAS



Legendas:

- | | |
|---|--|
| 1) Reunião Centro de Estudos Sociais, Mira, 1990. | 5) Encontro 20 anos Sociologia, 2008. |
| 2) Turma de Sociologia 1990-1995. | 6) Almoço de homenagem a Pedro Hespanha, 2016. |
| 3) Reunião Turma de Sociologia 88, 2018. | 7) 1º Dia da Sociologia, 2015. |
| 4) Reunião de Docentes do Núcleo de Sociologia, 2009. | 8) Lançamento prisma.soc, 2014. |
| | 9) Dia da Sociologia, 2022. |



A ambiência colaborativa possibilita múltiplas aprendizagens

Rizoneide Souza Amorim

Doutoranda em Sociologia, FEUC

A minha pesquisa doutoral [2] versa sobre a Economia Solidária no Brasil e tem como objetivo compreender as mudanças na vida das mulheres artesãs urbanas da Economia Solidária. Para isso, realizei um estudo de caso (Burawoy, 2009) no sudeste do Brasil, Região Metropolitana de Belo Horizonte – Minas Gerais, envolvendo a participação de mulheres artesãs urbanas integrantes do movimento de Economia Solidária. Nessa localidade, durante os anos de 2018 e 2019, realizei, em diferentes momentos, diversas atividades com as mulheres envolvidas.

Em campo, o enfoque metodológico foi a Educação Popular (Freire, 1967), com o arcabouço da Pedagogia da Cooperação (Brotto, 2020) e suas metodologias participativas. Essa opção se deu pela compreensão de que, para trabalhar com as mulheres integrantes da Economia Solidária, era importante utilizar uma abordagem que criasse uma ambiência cooperativa, agradável e segura, que lhes permitisse participar ativamente de todo processo, e onde elas tivessem abertura para aprender umas com as outras, partilhando seus saberes, suas inquietações e seus conhecimentos, seus processos de vida e suas visões de mundo, que resultassem em objetivos em comum na sistematização do vivenciado.

A recolha de informações aconteceu por meio de observação direta. Foram registradas as falas/depoimentos das mulheres envolvidas na pesquisa, em diferentes momentos, num grupo focal autorreferente (Morgan, 1997) com as técnicas da Pedagogia da Cooperação - jogos cooperativos, danças circulares, dinâmicas e rodas de conversa. As mulheres participantes contribuíram com seus relatos de vida nesse grupo focal, presencial, que se reuniu semanalmente em seis oficinas, cada uma com duração de 4h, totalizando 24h de encontros, sempre no período da tarde, uma vez por semana, às quartas-feiras, durante os meses de outubro e novembro de 2019. Nesses encontros com 21 mulheres priorizei a escuta ativa para perceber as suas trajetórias de

vida, seus desafios e as mudanças que foram ocorrendo ao longo das suas vidas. As técnicas empregadas trouxeram à tona ricos relatos e foi possível perceber a importância da participação em rede, em especial nas Redes de Colaboração Solidária - as Redes de Artesanato e de Confecção, além dos espaços dos Fóruns de Economia Popular Solidária em diferentes instâncias – municipal, regional, estadual e nacional das quais elas fazem parte e o sentido desse envolvimento nas suas vidas.

Realizei algumas visitas às sedes de alguns dos grupos produtivos, muita troca de impressões e diálogos nas Feiras de Economia Solidária onde elas comercializam. Nessas atividades de interação e observação direta foi possível compreender melhor alguns processos. Houve diálogo, troca de impressões e momentos de maior abertura, possibilitando partilhas sobre suas vidas, bem como sobre o movimento de Economia Solidária. Nesses contatos, foi possível conhecer mais de perto as produções artesanais e dialogar melhor sobre como os produtos são comercializados e quem os consome. Do mesmo modo, nas conversas informais em alguns encontros e/ou outras atividades na cidade foi possível interagir de forma descontraída e confraternizar.

No último encontro, foi realizada memória do que foi vivenciado e como forma de avaliação e celebração festiva houve a entrega simbólica de certificados para casa participante. Nesse momento, em círculo, foi adotada uma dinâmica onde uma pessoa entregava o certificado para a outra e dizia uma frase sobre o que aprendeu com ela durante o tempo em que estivemos juntas; houve a projeção de imagens do encontro (um pequeno vídeo) e a escolha, realizada por elas, das fotografias para uma Mostra Fotográfica, com o intuito de visibilizá-las; definição de agendas futuras e, para culminar, uma dança circular e um almoço celebrativo.

A utilização de uma abordagem interpretativa/construtivista (Creswell, 2014), na qual o conhecimento é produzido processualmente, fez com que as diferentes interlocutoras pudessem apreciar e posicionar-se diante do que foi elaborado e contribuir para essa produção. Os diferentes momentos com as mulheres foram importantes para registros que vão além de qualquer anotação num formato

tradicional de interação entre pesquisAMORa [2] e pesquisadas. Vivenciei momentos ricos, propícios para a escuta ativa, onde a fala foi livre, e situações mais inesperadas em que o silêncio e a emoção tomavam conta, ouvindo relatos de vidas transformadas pela participação e engajamento na Economia Solidária.

Considero que ter optado pelas vivências e práticas da Educação Popular e da Pedagogia da Cooperação foi importante, uma vez que possibilitou a criação de um ambiente de confiança e pertencimento no grupo, havendo clareza de que estavam sendo recolhidas informações para a pesquisa. Acima de tudo, proporcionaram-se momentos dotados de sentido para as pessoas que naquele período dedicaram o seu tempo, abertura e disponibilidade para contribuir para uma pesquisa acadêmica.

[1] Silêncio e Vozes Femininas da Economia Solidária: as trajetórias das artesãs urbanas em Belo Horizonte – Minas Gerais, sob a orientação das Professoras Doutoras Sílvia Ferreira e Teresa Cunha.

[2] Termo que criei no início do doutoramento para dizer que pesquisar não precisa rimar com dor (pesquisaDOR). Então, PesquisAMORa é simplesmente quem investiga tirando a dor da pesquisa, juntando estudo com ativismo e fazendo ciência com amor.

Referências:

- Burawoy, Michael (2009) *The Extended Case Method*. Califórnia: University of California Press.
- Creswell, John W. (2014) *Research design - qualitative, quantitative, and mixed methods approaches*. Los Angeles: Sage Publications.
- Freire, Paulo (1967) *Educação como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Brotto, Fábio Otuzi (2020) *Pedagogia da Cooperação – por um mundo onde todas as pessoas possam VenSer*. Rio de Janeiro: Bambual Editora.
- Morgan, D. L. (1997) *Focus group as qualitative research*. London: Sage. ■



Foto: Ana Raquel Matos

Interação com participantes na pesquisa: uma dimensão não tão explorada da experiência no terreno

Francisco Venes

Doutorando Democracia no Século XXI

Um dos aspetos que mais inquietudes e reflexões me suscitaram nos quase dois anos e meio de trabalho de campo que acabo de terminar foi a natureza da interação com as participantes na pesquisa. É-me ainda difícil determinar com exatidão porquê tem sido um tema tão presente, talvez nunca o venha a saber. Quiçá o resultado natural de um período extenso de campo, ou o facto de trabalhar com entrevistas biográficas. A biografia requer, sempre, que se estabeleça uma relação mínima de confiança entre quem pesquisa e quem participa na pesquisa. Mas não é tanto o porquê do meu interesse nesta interação, antes algumas das reflexões iniciadas durante a minha experiência no terreno, que quero partilhar aqui.

Antes de começar, convém situar a minha pesquisa. Trabalho com mulheres que se opõem a projetos de mineração. Nos últimos anos

acompanhei as práticas quotidianas de 13 mulheres e conversei com elas sobre as suas trajetórias de vida com o intuito de perceber o que as motiva a opor-se à mineração de dois territórios: Covas do Barroso (Trás-os-Montes, Portugal) e Molleturo (serra central sul, Equador).

Uma premissa fundamental destas reflexões é a ideia de uma interação comprometida. Podemos estabelecer diferentes graus de compromisso – maiores ou menores – com as pessoas que participam na nossa investigação. Mas há sempre mínimos a cumprir para não cair numa dinâmica nefasta de extração de informação e conhecimentos. Proponho por isso considerar 4 atributos desta interação comprometida: laços, devolução, honestidade e envolvimento. Não são atributos estanques senão que se “contaminam” (no bom sentido) uns aos outros, e que abordarei aqui de uma forma muito mais superficial do que aquela que merecem.

Quando trabalhamos com pessoas, os laços que estabelecemos são fundamentais. E quando a interação é prolongada, creio tornarem-se inevitáveis. Imaginem passar dias, meses, ou até anos de convivência quotidiana com outras pessoas sem que se estabeleça uma relação de amizade, respeito mútuo ou, pelo menos, de confiança. É pouco provável. Há quem defenda que, quem investiga, deve tratar de manter um certo distanciamento das participantes para garantir objetividade. A minha experiência diz-me o contrário: a criação de laços de afeto não só traz profundidade à pesquisa como torna o trabalho de campo muito mais gratificante. Que o último dia de trabalho de campo seja o primeiro onde o motivo para regressar ao terreno seja visitar as amigas que lá ficaram.

Precisamente porque formamos laços com outras pessoas durante a pesquisa, a nossa presença como pesquisadores torna-se um hábito e gera expectativas. Por este motivo, torna-se necessário ser honesto não apenas no que respeita aos propósitos da investigação e ao tratamento da informação recolhida, mas também em relação à natureza da nossa interação após o trabalho de campo. E essa honestidade deve existir não só com as participantes, mas também com nós próprios. A hora de sair do terreno pode ser “complicada” e até gerar sofrimento se não existe responsabilidade afetiva e honestidade sobre os termos do relacionamento futuro. Se não planeiam regressar, ou não o podem fazer por algum motivo, digam-no. Se prometem regressar,

façam-no.

O terceiro atributo é a devolução. Devolução às pessoas que participam diretamente na pesquisa e à(s) comunidade(s) mais amplas da quais são parte (família, vizinhança, organização, etc.). Com devolução não me refiro apenas a devolver os resultados da pesquisa, mas também às formas como contribuimos de maneira concreta para as suas lutas quotidianas. É importante recordar que quem participa numa pesquisa nos dá o seu tempo (às vezes muito tempo) para que possamos cumprir uma meta pessoal. É necessário retribuir esse tempo. Podemos fazê-lo das mais diversas formas, em função das nossas capacidades e conhecimentos, mas também daquilo que nos é pedido. Pode ser algo tão simples como um acompanhamento quotidiano ou estar disponível para escutar, ajudar na elaboração de textos e comunicados, desenvolver uma página web ou uma aplicação para uma organização, apoiar financeiramente uma pessoa que necessite. Fiz um pouco de todas as anteriores, mas as possibilidades são infinitas.

Finalmente, o envolvimento nas causas das nossas participantes. Este é, talvez, o único atributo que eu consideraria de carácter optativo. Nem sempre temos que coincidir com as motivações das pessoas com quem levamos a cabo uma pesquisa, ainda que, para mim, seja um pouco difícil não o fazer. Digamos que é uma questão mais pessoal. A pesquisa militante, ou comprometida, é um pilar fundamental da minha prática como pesquisador. Assim como há quem defenda manter um distanciamento afetivo das participantes da pesquisa, também há quem defenda que não devemos posicionar-nos/envolver-nos com o fenómeno de estudo, uma vez que isso retira objetividade à análise que fazemos. Devemos ser tão neutrais quanto possível, dizem. Discordo. O envolvimento com uma causa, sempre e quando seja declarado, não só não retira rigor a uma pesquisa, como a torna mais transparente. Disse rigor e não objetividade. A primeira característica parece-me fundamental em qualquer pesquisa. A segunda, considero-a um mito tão grande como a neutralidade na ciência.

Neste breve texto procurei partilhar convosco algumas ideias que foram surgindo ao longo destes últimos anos de pesquisa doutoral. Um pequeno esboço de uma reflexão que espero continuar a alimentar ao longo da minha trajetória como pesquisador. ■

O papel das ciências sociais e humanas no impacto das soluções baseadas na natureza (NBS) reconhecido em projetos Europeus

A noção de que as ciências sociais e humanas nos ajudam a olhar os fenómenos sociais e seus objetos para além da sua manifestação aparente tem vindo a situar a sociologia em um campo privilegiado de observação e intervenção das chamadas soluções-baseadas na natureza (*nature-based solutions* - NBS). A aprovação de dois projetos Europeus coordenados pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra - CES/UC, o projeto H2020 URBiNAT e, recentemente, o projeto TRANS-lighthouses, confirma esse reconhecimento.

Desde 2015, a Comissão Europeia tem priorizado a agenda das NBS através de fundos, políticas e investigação inovadora sobre soluções que incluam as questões ambientais para o “esverdeamento do espaço urbano” (Wilk et al., 2021), e a biodiversidade sustentável como o ingrediente-chave para os atuais modelos de regeneração das cidades. Mais recentemente, a aprovação em Assembleia de resolução do PNUMA (2022) define as NBS como ações para gestão dos ecossistemas naturais ou modificados que abordam simultaneamente os desafios sociais, económicos e ambientais de forma eficaz e adaptativa. Tais desafios multidimensionais são interligados através de ações para a promoção da sustentabilidade na governação, participação e co-criação das comunidades locais e investimentos.

Ao longo de 5 anos, o projeto URBiNAT está a implementar Corredores Saudáveis com NBS. Seus resultados já demonstram o fortalecimento da interligação entre as pessoas e a natureza, ampliação das oportunidades dentro da estrutura de governação local e o reforço da diversidade da natureza em bairros periféricos que se tornam mais resilientes. Com a centralidade da sua implementação nos processos participativos, sobretudo ações de co-diagnóstico, co-desenho e co-implementação, o URBiNAT verificou nos seus casos empíricos a necessidade de quadros de referência baseados nas ciências sociais e humanas que apoiem a implementação e desenho das NBS. E, também, que ajudem a responder a questões ainda em aberto sobre como diferentes grupos vivenciam as mudanças proporcionadas pelas

NBSs, até que ponto os benefícios económicos estão equitativamente distribuídos e, finalmente, o que realmente acontece nos contextos de co-produção envolvendo diferentes atores.

A relevância das ciências sociais é assinalada em Dumitru et al. (2020), que identifica alguns problemas conceptuais relativos a NBS, como a falta de evidências sobre os diferentes usos de soluções baseadas na natureza por diferentes grupos sociais e a secundarização dos impactos na coesão social e no bem-estar. A falta de priorização das questões de equidade e inclusão social na implementação de NBS também é sublinhada em Stijnen (2021).

A aprovação do TRANS-lighthouses, com um financiamento de cerca de 6 milhões de euros, procura responder a essa lacuna. Com início em maio de 2023, TRANS-lighthouses assume como objetivo compreender as potencialidades e limites no desenho e implementação de NBS. Para tanto, a avaliação de casos e a implementação de casos pilotos procurará compreender o papel dos diferentes atores envolvidos, bem como os significados e valores atribuídos à natureza pelas comunidades. Irá investigar e testar como o desenho e governação de diferentes soluções podem contribuir com a prevenção do racismo ambiental, gentrificação e amplificação da co-criação, dentre outros objetivos. Em síntese, contribuirá com a investigação-ação da dimensão sociopolítica de NBS para melhor compreender os contextos e efeitos da sua implementação, e assim qualificar as suas respostas às assimetrias e desafios da equidade e transformação social.

Os corredores saudáveis (*healthycorridors*) estão em implementação em 3 cidades europeias, Porto (Portugal), Nantes (França) e Sofia (Bulgária). As cidades seguidoras de Bruxelas (Bélgica), Siena (Itália), Høje-Taastrup (Copenhaga, Dinamarca) e Nova Gorica (Eslovénia) estão a replicá-los, em parceria com municípios, universidades, empresas e organizações locais.

Ao todo serão avaliados 11 casos de NBS e testados 10 casos pilotos. O consórcio do projeto TRANS-lighthouses compreende centros de investigação e inovação, instituições políticas e organizações da sociedade civil, com 19 parceiros europeus de 10 países. Em termos de cooperação internacional, o TRANS-lighthouses integra ainda 9 parceiros associados de 7 países das Américas, África e Ásia. ■

Maria Izabel Braga Weber, Manuel João Cruz e
Cristiano Gianolla

Projeto UNPOP - Desmontar o Populismo: Comparando a formação de narrativas da emoção e os seus efeitos no comportamento político

Após 150 anos desde a sua primeira manifestação, com os *narodniks* russos e o *People's Party* nos Estados Unidos, e décadas de desinteresse quase geral, o populismo ganhou uma extrema atualidade e relevância sociopolítica, dado o seu impacto no espaço democrático. Tal é evidente quando, entre as principais denúncias e reivindicações populistas do século XIX, se encontram a corrupção, a (já) degradação dos media, a manipulação da opinião pública pela classe política, um tecido empresarial “humilhado” e carregado de impostos, o povo empobrecido e a maior parte da riqueza “nas mãos dos capitalistas” [1]. Muito deve o movimento *Occupy* de 2011, que populariza o célebre slogan político “*We are the 99%*”, aos populistas do século XIX, que já na altura denunciavam a que ponto “os frutos do trabalho de milhões são roubados para construir as fortunas colossais de alguns” [1]. É também neste contexto de denúncia moral que se verifica a primeira expressão da principal característica populista: a divisão binária do mundo em *nós* contra *eles*, *povo* contra *elites*, juntamente com exaltação e a defesa do povo sofredor e soberano: “Do mesmo prolífico ventre de injustiça governamental, criamos as duas grandes classes - vagabundos e milionários” [1].

Os meandros da evolução do fenómeno, no entanto, tornaram difícil um consenso académico sobre a sua definição, mesmo depois de passados quase 60 anos do congresso académico “*To Define Populism*”, primeiro esforço internacional com este fim. Já em 1969 afirmava Guita Ionesco que “um espectro está a assombrar o mundo – o populismo”, acrescentando que “atualmente, não pode haver dúvidas sobre a importância do populismo (...) [o qual] surge em todo o lado e em muitas e contraditórias formas” [2]. O mesmo não deixa de ser verdade em 2023. Partidos considerados populistas têm representação parlamentar em virtualmente todas as democracias europeias. Em alguns casos, estão no poder ou já governaram.

O populismo variou ao longo da história contemporânea, bem como variou a sua manifestação em diferentes regiões do mundo - da esquerda à direita do espectro político -, narrando

as formas da inclusão e exclusão social e económica pela política. Na diversidade desta riqueza óptica, o termo populismo tem sido usado largamente como uma categorização rebaixante de adversários políticos, identificando-os como viscerais e emocionais – por contraposição à racionalidade, considerada central na política. Contudo, até muito recentemente, poucos eram os estudos que se concentravam em compreender o entrelaçamento entre populismo e emoções.

O debate que emerge na literatura aponta que, para melhor entender a explosão de fenómenos populistas, é preciso aprofundar a análise da ‘narrativa das emoções’. Isto implica ultrapassar o dualismo entre razão e emoção na teoria democrática e social, e também considerar o populismo como um processo discursivo de formação de identidades sociais. Para melhor compreender o seu impacto no comportamento político, é preciso analisar que emoções movem – e são geradas – as pessoas que se identificam com os fenómenos populistas e que ligações estabelecem com as emoções geradas e geridas pelas lideranças políticas.

O projeto UNPOP (<http://unpop.ces.uc.pt>) procura desvendar as condições que permitem e favorecem as políticas populistas, a partir de uma compreensão da mobilização de emoções. Em curso desde 2021, o projeto UNPOP compara partidos políticos em Portugal e Itália. O projeto recolhe dados por meio de métodos mistos, indagando os lados da procura e da oferta política, com o objetivo de compreender as narrativas das emoções. A abordagem do UNPOP aponta para um papel central das mitologias dos partidos políticos que definem a emergência de identidades sociopolíticas com base na complexidade cognitiva não dualística em relação às emoções. Em janeiro 2024, o colóquio do projeto a realizar no CES de Coimbra servirá para debater os resultados da investigação.

[1] The American Presidency Project. (2023). Populist Party Platform of 1892. <https://www.presidency.ucsb.edu/documents/populist-party-platform-1892>

[2] Ionescu, G., & Geller, E. (1969). Introduction. In G. Ionescu & E. Gellner (Eds.), *Populism: Its Meanings and National Characteristics*. The Garden City Press. ■

Um ecrã, vários cliques e novas ideias...

Andreia Barbas

Doutoranda em Sociologia, FEUC

Esta rubrica tem como objetivo sugerir ligações web que se entrelacem com a Sociologia. É possível reconhecer que a maioria da informação que se consome atualmente está à distância de um clique e nos contornos de um ecrã. Não é novidade que filmes, séries, podcasts, sites, jornais *online* entre outros formatos podem ser ferramentas ou objetos de análise, dependendo da forma como surgem na pesquisa. Contudo, considero que existe uma outra finalidade: podem ser *triggers* na nossa imaginação sociológica. Quer isto dizer, que explorar este tipo de conteúdos pode estimular outras perspetivas e/ou oferecer novas ideias no âmbito das investigações. Escrevo na qualidade de doutoranda e de quem tantas vezes se encontra frente a uma página em branco. Com base na minha experiência e no meu percurso, proclamo que boas ideias também podem vir de conteúdos não científicos e que estão à distância de um clique. Tendo em vista esta relação acientífico/científico percorro três sugestões: um filme, uma série e um podcast, que vão ao encontro das minhas linhas de pesquisa. O foco não é tanto sobre os temas em análise, mas sim mostrar como aquilo que vejo e/ou escuto reflete tópicos importantes para a pesquisa. Depois, cabe à escrita ligar estes dois mundos que, afinal, são só um.



Filme: Au Revoir le Bonheur

<https://youtu.be/n1uNJtlg1x8>

O filme "Adeus Felicidade" retrata o encontro de quatro irmãos num momento de partilha de bens, devido à morte do pai. A narrativa cruza vários temas, mas, por investigar as relações fraternais, dois tópicos ressaltaram: os lugares e os objetos

como indexadores de memória e de histórias familiares; e o sentimento de pertença na família. Desde o início do filme é possível observar como os objetos e a casa estão intrincados nas memórias e nas histórias daquela família. Mas será que todos os membros querem conservar essa identidade familiar? Com o desenrolar da história percebe-se que as pessoas têm objetivos e expectativas distintas e, por essa razão, as decisões se complexificam. Já bem perto do final um dos irmãos afirma: "Dizem que a maior riqueza é a família... quando é esse o nosso lugar, mas nem sempre é." De facto, não é o vínculo familiar que atribui qualidade às relações, mas sim os quotidianos e as interações que decorrem num tempo cronológico.



Série: Soulmates

<https://youtu.be/DyM-Ba6LeQE>

A série "Soulmates" desenrola-se num futuro ficcional, em que a ciência pode determinar "a alma gémea" de cada pessoa através de um "teste". Este argumento pode ser decomposto em duas questões: 1) A perspetiva de que existem almas gémeas e que as pessoas devem estar dispostas em pares no mundo; 2) Que a tecnologia se sobrepõe à avaliação dos sujeitos no domínio das suas relações. É interessante notar as narrativas ficcionais continuam a alimentar a ideia romântica das relações conjugais e de essa surgir como preocupação de um tempo futuro. Mesmo que a romantização destas relações tenha sido desconstruída através das motivações para a conjugalidade, e as relações íntimas sejam hoje mais múltiplas do que nunca. Importa também realçar como a presença da tecnologia subverte os critérios usados na avaliação das dinâmicas interpessoais. A falta de disponibilidade para as relações sociais e a urgência de resultados eficazes são reflexos da realidade contemporânea e retratados nestes esboços distópicos.

Podcast: Academus Podcast



<https://open.spotify.com/show/22QwCGyKxEZ186P3W20EGi>

O Academus Podcast é um *talk-show* que procura promover a Ciência feita em Portugal num registo informal. Cada episódio corresponde a um/a Investigador/a que fala sobre a sua investigação. São vários os temas abordados: justiça social; racismo e relações de poder; infertilidade; tecnologias de vigilância; assédio entre outros. Esta forma de disseminação científica permite-nos não só ver como outras/os cientistas desenvolvem as suas investigações, como também por eventual proximidade ao temas abordados conhecer outras perspetivas e ter novos contributos. ■



Foto: Ana Raquel Matos

GANHAR A VIDA

Vitória Lourenço

Doutoranda em Sociologia, FEUC.

O que é ganhar a vida? A resposta, à pergunta que ninguém fez, ninguém faz, mas que aqui escolho responder, parece bastante clara: ganhar a vida é ganhar dinheiro. Porque ganhar dinheiro parece ser resposta para quase tudo. É tão fácil como difícil de “engolir”. E ganhar a vida é também perder tempo enquanto se ganha tempo para se disfrutar do que se ganhou ao ganhar a vida. É um círculo vicioso, como bem sabemos. Ganhar (dinheiro), perder (dinheiro), aproveitar (o dinheiro), ganhar (a vida), perder (alguma vida), aproveitar (outro bocadinho da vida). Hoje em dia, enquanto jovem, mulher, trabalhadora e estudante, penso e sinto que é cada vez mais difícil ganhar a vida. Na minha experiência, como acredito que em muitas outras, ser independente traduziu-se, a nível de emprego (claro, como é que se há-de ganhar a vida...?), em ter poucas e/ou más opções e ter que escolher uma delas. De facto, apesar de nunca ter tido grandes dificuldades (ou hipóteses) em escolher, reconheço que existe um problema, cada vez mais palpável, e ele não se situa, de todo, no indivíduo, mas sim no sistema.

Como dizem Ken Loach e Édouard Louis, em *Diálogo sobre Arte e Política*, a natureza do trabalho mudou, há cada vez mais trabalhos precários, a maioria é muito mal remunerada e existem, agora, maneiras de as empresas não pagarem o salário mínimo aos trabalhadores. Esta é uma realidade a negrito e é, especialmente, preocupante para mim, para nós, para os mais jovens que encaram, no panorama atual, dificuldades acrescidas na inserção do mercado de trabalho e, mais, em conseguir condições de trabalho dignas. Já não é só o “não tens experiência suficiente” ou o “tens qualificações a mais”; agora, é “está ótimo, podes começar”, e é-nos facultado o menos possível. E aceita-se. Porque todos precisam de começar por algum lado. Todos precisam de ganhar a vida. Já eu, até agora, entre alguns sucessos e insucessos, tenho conseguido ganhar a vida. Bom, ganhei à vida, perdi com a vida e, também, fomos empatando pelo caminho. A vida e eu. Chegamos a empate. O que é empatar com a vida? É sobreviver. Mas foquemo-nos no primeiro. Foquemo-nos em, apesar do círculo vicioso a que não podemos escapar, ganhar à vida enquanto ganhamos a vida. ■



Foto: Ana Raquel Matos

Dez Anos Na China

Tiago Nabais

Doutorando em Discursos: Cultura, História e Sociedade

Foram dez anos passados na China, mas em constante movimento. O máximo que passei no mesmo lugar foram três anos, em Shijiazhuang, uma cidade que raramente se menciona por cá. Era um daqueles sítios em crescimento bárbaro, a cada mês um novo bairro, a cada ano mais umas centenas de milhar de pessoas. Muitos sociólogos gostam de números, deixo aqui então um, daqueles que impressionam: entre 2011 e 2013 a China utilizou mais cimento do que os Estados Unidos durante todo o séc. XX. O número é 6,6 gigatoneladas. Foi nesta China que vivi. Dez anos, como disse. Passei por Macau, Pequim, Xi'an, Shijiazhuang e Shaoxing, e começa a parecer-me que em cada um destes sítios ficou algo meu.

Parti para a China com vontade de entender o que se passava, como era viver numa sociedade em tão impressionante e acelerada transformação. Fui inicialmente para estudar chinês. Cheguei uns dias depois dos jogos olímpicos de Pequim. Duas semanas mais tarde faliu o Lehman Brothers, e toda a gente se lembra do que veio a seguir. Mas na China o ambiente era de crescimento, abertura, fome de futuro, ambição e oportunidade.

Fui percebendo que por cá as histórias que se contavam sobre a China encaixavam normalmente em uma de três linhas: a “China Fantástica” – o milagre económico, a rápida redução da pobreza extrema, as novas infraestruturas, os olímpicos de

Pequim; a “China Má” – a repressão sobre as minorias étnicas, a censura na literatura e no cinema, o aparato de vigilância, o apagamento de acontecimentos do passado; e a “China Marada” – 15000 porcos a boiar no rio que atravessa Xangai, a impressionante poluição, uma criança atropelada que fica a sangrar no chão enquanto várias pessoas passam e fingem não ver. A questão é que cada uma destas histórias aparecia em isolamento, quando a China continha tudo isto em simultâneo e bastante mais.

Depois de uns anos a estudar chinês, comecei a trabalhar como professor de português no ensino superior. Tudo estava em crescimento explosivo, incluindo o ensino de português, e não era difícil encontrar trabalho na área, sobretudo para quem já tinha um certo domínio do chinês. Foi nessa fase que comecei a ler literatura chinesa. Gostei muito. Começou a parecer-me que só os escritores de ficção eram capazes de dar conta de um sítio e de um momento tão complexo e ambivalente. Decidi tentar traduzir alguns deles. Eu não conseguia escrever sobre a China, ainda não consigo, como aliás podem ver pela confusão que isto tem sido. Traduzi alguns livros, circulam aí pelas livrarias, alguns até apareceram nos jornais, foi um grande orgulho. E foi isto da tradução que me trouxe a ideia de pensar a China contemporânea através da literatura. Pode parecer idiota, mas nunca tinha concebido essa possibilidade. Foi assim que, quando fiquei retido em Portugal, sem hipótese de regressar à China devido às complicações do covid, decidi avançar para uma coisa desse género. E acabei no CES, no doutoramento em Discursos, onde vou ensaiando uma tese sobre memória e trauma na literatura chinesa.

Parece que a China está finalmente a reabrir as fronteiras aos estrangeiros. A ver se consigo voltar em breve para tentar recolher alguns dos meus estilhaços que por lá ficaram, para que a minha tese fique um pouco menos confusa do que este texto. ■

Sociologia de Coimbra e as epistemologias do Sul

Carla Águas

Doutorada em Pós-Colonialismos e Cidadania Global



Foto: Carla Águas

Vivemos em uma encruzilhada civilizatória. As crises – éticas, políticas, ambientais, sanitárias... – impõem aos nossos olhos a imagem do colapso. Intelectuais de várias geografias vêm alertando para essa assobrosa esquina, a exemplo de Davi Kopenawa e Ailton Krenak. O primeiro, em parceria com Bruce Albert, lançou no Brasil em 2015 “A queda do céu”, como um grito de apelo ao “povo da mercadoria”. O segundo, em “Ideias para adiar o fim do mundo”, de 2019 – um livro resultante, inclusive, de palestras proferidas em Portugal –, sai em defesa do lugar do sonho, que contrasta com a aridez da crescente perda das subjetividades e da poética da existência. O que fazer perante esses e tantos outros chamados? Onde entra a sociologia nessa travessia?

Mas voltemos no tempo, rumo a 2007. Aquele era um ano em que Kopenawa e Albert ainda não haviam lançado sua obra monumental, e em que o “fim do mundo” não estava tão próximo, no sentido krenakiano. Naquele ano, ingressei no

doutoramento em Pós-Colonialismos e Cidadania Global, oferecido pela Faculdade de Economia e Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Aquecida pela afetividade solidária de discentes e docentes, fui convidada a romper cristalizações. Desconstruímos pensamentos, construímos outros. E desde o topo do edifício resultante desse processo pudemos ver um horizonte rasgado pela ferida colonial.

O que recebi da sociologia de Coimbra foi, portanto, mais do que uma formação generosa e impecável: ganhei também a consistência de um novo ângulo de visão. O colonialismo e seus desdobramentos emergem hoje como plataforma fundamental a partir da qual se agarram as minhas sinapses. Desde a geopolítica à intimidade da vida cotidiana, ergue-se, perante meus olhos, a feroz estrutura que (des)organiza tantas dimensões da vida.

Porém, há mais. Há as belezas resilientes. Seguindo o convite de Boaventura de Sousa Santos de proceder uma “arqueologia virtual do presente”, encontrei as ausências e emergências dos territórios quilombolas – tema de minha tese de doutoramento e fio condutor que sigo até hoje. A sociologia impressa no papel ganha impressionante vida naquelas paragens. E essa vida ensina a pensar em outros modelos de estar-no-mundo, pautados pela coletividade, reciprocidade, celebração; uma janela para outras lógicas. Posso dizer que esses outros paradigmas são imprescindíveis – como nunca – para se repensar o Brasil, que há de sobreviver ao pesadelo do avanço do capital sobre os territórios, sob as bênçãos dos fundamentalismos. O ano de 2023 começa, inclusive, sob uma nova atmosfera de alívio e esperança.

Este lugar não-hegemônico traz respostas, simultaneamente novas e ancestrais, à encruzilhada em que nos colocamos. O viver coletivo, com suas alegrias e dores. A festa, a sacralidade do espaço, a circularidade do tempo. O alimento colhido, cozido e dividido. Tudo isso são lições do quilombo, e de tantos outros povos, que seguem resistentes a tamanhas rajadas de vento do tal progresso e suas motosserras. ■



II Congresso Internacional sobre Metodologia - Qualis'2022

Edilma Carrijo

Doutoranda em Sociologia, FEUC

Realizou-se nos dias 19, 20 e 21 de setembro de 2022, em Coimbra, o II Congresso Internacional sobre Metodologia, o **Qualis'2022**, o qual teve como tema “Desafios Metodológicos Atuais”, contemplando sessões com vários eixos temáticos, nomeadamente, saúde, educação, negócios, direito e novas tendências. Envolveu participantes distribuídos em sessões plenárias, 14 sessões temáticas, 3 workshops e 2 mesas plenárias, organizados pelos participantes. Inicialmente, era para ser um evento em formato híbrido. Porém, devido ao grande volume de inscritos, de diversos países, decorreu apenas na modalidade virtual.

O **Qualis'2022** proporcionou um espaço de debate multidisciplinar e agregou em diálogo investigadores/as, professores/as e profissionais do mundo todo, com propostas de estudos teóricos, análise de dados ou de revisão da literatura, tendo especial destaque as investigações/pesquisas suportadas em abordagens metodológicas mistas e inovadoras. Questões atuais que se colocam no quadro nacional e internacional sobre metodologia.



Conferência Sara Araújo
Foto: CIREP



Conferência Pedro Quintela
Foto: CIREP

Ciclo de Conferências do Doutoramento em Sociologia

Jaime Roque

Doutorando em Sociologia, FEUC

O Ciclo de Conferências do Doutoramento em Sociologia procura familiarizar os/as estudantes com os temas da sociologia contemporânea num contexto de debate interdisciplinar protagonizado por vários/as conferencistas. A presente edição convidou a pensar criticamente os desafios epistemológicos da investigação sociológica, em áreas tão distintas como a sociologia cultural, os estudos da deficiência, a sociologia do direito e a ciência política.

A conferência inaugural coube a Pedro Quintela, com o tema “Investigando o trabalho criativo: dos principais debates sociológicos aos desafios da pesquisa em Portugal”. Paula Campos Pinto (ISCS – ULisboa) proferiu a segunda conferência com o tema “Sociologia Pública e Estudos da Deficiência: Quadros teóricos, dados empíricos e desafios epistemológicos”.

A terceira conferência é de Sara Araújo (CES/FEUC), que falou sobre as experiências da sua investigação de doutoramento, com o tema “Conhecer em contextos plurais: caminhos metodológicos de uma investigação sobre acesso à justiça e pluralismo jurídico em Moçambique”. A última conferência é de João Cancela (NOVA-FCSH), que apresentou uma investigação ainda em curso, com o tema “A divergência urbano/rural no comportamento político português”.

VII Congresso Internacional de Direitos Humanos de Coimbra: uma visão transdisciplinar

Josinaldo Araújo

Doutorando em Sociologia

O paradigma dos direitos humanos parece ser um importante aliado na compreensão das vulnerabilidades e, também, uma alternativa teórica que sugere a prática atitudinal em consonância com o discurso. A análise dos direitos constantes das convenções internacionais é um viés importante para compreender as relações sociais e os limites e possibilidades no que diz respeito à cidadania e direitos fundamentais.

Nesta perspectiva, ocorreu o VII Congresso Internacional de Direitos Humanos de Coimbra, organizado pelo Centro de Direitos Humanos da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, e pelo Instituto Nacional de Pesquisa e Promoção de Direitos, no ano de 2022 teve como tema: uma visão transdisciplinar. Este evento ocorre anualmente e o formato híbrido proporcionou a participação de congressistas oriundos do Brasil, de Portugal, de outros países e das mais variadas áreas do saber: sociologia, psicologia, educação, direito, medicina, fisioterapia, urbanismo. Na minha participação abordei a temática do necrodireito, no grupo de discussão acerca dos direitos das pessoas com deficiência.



SocioTalks 2022

SocioTalks 2023 – Organização NES

Marta Mártires

Presidente da Direção do Núcleo de Estudantes de Sociologia da Associação Académica de Coimbra

Apesar de ter tido a sua primeira edição no ano passado, 2022, o Núcleo de Estudantes de Sociologia da Associação Académica de Coimbra vê este projeto como um projeto de continuidade.

A 2ª edição das SocioTalks terá lugar a 13, 14 e 15 de fevereiro, no Auditório da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, onde serão expostos muitos dos problemas que a nossa ciência, a Sociologia, enfrenta.

Mas o que são as SocioTalks? Este projeto tem como maior propósito elucidar os/as estudantes da nossa Universidade, ou qualquer pessoa que queira assistir às palestras que são organizadas. Neste âmbito, numa sessão aberta de debate, falamos de temas que nos inquietam, que nos dias de hoje não têm a devida atenção — por exemplo, os estudos Queer, aos quais será dedicada uma sessão, que terá lugar no dia 14 de fevereiro, com a presença da Investigadora do Centro de Estudos Sociais, Ana Cristina Santos.

Durante os 3 dias contaremos com o testemunho de antigos/as estudantes de Sociologia, de modo a que os/as atuais tenham melhor perceção da relevância da Licenciatura em Sociologia, e as inúmeras saídas profissionais que são possíveis.

Toda a informação sobre os debates e assuntos a abordar se encontra, com mais detalhe, nas redes sociais do NES @_semanadasociologia_.

As SocioTalks abrem as suas portas para todos/as aqueles/as que quiserem assistir e debater os diversos assuntos que iremos abordar. É, portanto, um evento de estudantes para toda a comunidade estudantil e o público em geral.

**SOCIEDADES
POLARIZADAS ?****DESAFIOS
PARA A
SOCIOLOGIA****XII CONGRESSO
PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA****4 - 6 ABRIL 2023****CONVENTO DE SÃO FRANCISCO – FACULDADE DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA**

A simplificação de fenómenos sociais complexos tem conduzido a um debate alargado sobre a polarização crescente das sociedades contemporâneas. Marcando as tendências de transformação social a que assistimos, a polarização tomou conta do debate intelectual e de agendas comerciais, políticas e ideológicas. Um renovado e sagaz olhar sociológico torna-se numa condição fundamental para analisar e enfrentar a fragmentação crescente da sociedade em torno de questões cruciais para o futuro coletivo da humanidade.

Visões, elas próprias, contraditórias e fraturantes de um mundo ora unipolar, ora bipolar, ora multipolar, ou até mesmo marcado por polaridades emergentes, constituem um desafio inicial para o debate sociológico nos diversos domínios em que a APS se organiza enquanto sociedade científica e profissional.

Se os polos que se afirmam e se consolidam na estratificação social refletem dramaticamente as desigualdades sociais que nos revelam hiatos crescentes entre os mais ricos e os mais pobres, os mais e os menos escolarizados, ou que evidenciam o acantonamento das classes médias, convidando a leituras bipolares, que novas dinâmicas permitem enfrentar uma sociedade de fossos crescentes e aparentemente intransponíveis?

Os desafios que a polarização traz à sociologia estendem-se, atualmente, a domínios cruciais dos

processos e da ação sociais, atravessando, entre outros, os mundos do consumo, das religiões, das identidades, da sexualidade, da infância, da cultura e da ciência. Neste contexto, a digitalização da sociedade e da economia, ao mesmo tempo que abre novas possibilidades, cria e acentua dinâmicas de polarização. Até que ponto os novos media sociais, para além do impacto geral nas interações e práticas sociais, são, eles mesmos, um fator que impulsiona formas de polarização?

A modificação das relações de trabalho e de emprego trazida pela economia das plataformas é mais um fator de exclusão do mercado de trabalho ou de desqualificação para ocupações rotineiras crescentemente precarizadas? Que oportunidades traz consigo e quem delas beneficia? De que forma e até que ponto a polarização dos empregos ameaça e obriga a repensar mecanismos de ação social e políticas públicas?

No plano territorial, onde se manifestam fenómenos relacionados com o turismo, as migrações, o desporto, a polarização urbana acentua tendências de concentração em lugares centrais e faz emergir novos desafios quer para as centralidades, quer para as periferias. Neste contexto, qual o lugar e que formas de articulação entre políticas centrais e locais podem contribuir para abordar exclusões e desigualdades de natureza territorial?

Se a pandemia cavou e reforçou clivagens, se pulverizou o universo das emoções, em que outros domínios exacerbou a polarização? Que consequências trouxe para a confiança nas instituições e organizações que, nas áreas da saúde, da educação, da justiça e da administração, estruturam o funcionamento das sociedades em que vivemos? Qual o lastro das políticas securitárias que acabou por legitimar, designadamente em matéria de segurança?

O Congresso Português de Sociologia será um momento de encontro em presença e a distância para colegas de profissão a trabalhar na investigação ou no terreno em que a partilha e discussão de conceitos, teorias, metodologias e práticas n(d)a sociologia poderão semear novas respostas para os desafios que enfrentamos.

Gostaríamos muito de contar com a participação de sociólogos que trabalhem em contextos não académicos e que possam trazer o seu olhar "do terreno" que complementa a perspetiva da investigação académica. A colaboração entre a sociologia académica e a sociologia de intervenção é crucial para conhecer e agir nas sociedades polarizadas em que vivemos.

Apelamos à participação de todos/as neste encontro crucial para a sociologia em português e que há tanto tempo esperamos!

Discutir se a polarização da sociedade nos conduziu ou não a um ponto de não retorno é um dos objetivos do XII Congresso Português de Sociologia sob o lema Sociedades Polarizadas? Desafios para a Sociologia, que se realizará de 4 a 6 de abril de 2023, sob a organização da APS e da comissão local do grupo de sociologia da FEUC, do CES, da CMC e da CIM.

Mestrados

Fim de vida e gestão das expectativas. Um estudo de caso

Dissertação

Autora: Manuela Magalhães Amaral

Aprender o sexo antes de o fazer. Os Jovens e o confessorário pornográfico.

Dissertação

Autor: Hugo João Mota Santos

Estudantes da Universidade de Coimbra e o Feminismo: As Representações dos/as estudantes da Universidade de Coimbra acerca do Feminismo.

Dissertação

Autor: Diogo Lopes Ferreira

Dimensão Internacional dos Recursos Humanos: O Caso do Grupo Visabeira.

Relatório de Estágio

Autor: Patrick Loureiro Marques

A Repetição dos Trânsitos. Uma prosopografia do Chega

Dissertação

Autor: Jaime Marques Roque

A Pandemia e a saúde mental das crianças: Preparação de um estudo

Relatório de Estágio

Autor: Afonso Romão de Sousa

Teses de Doutoramento

Doutoramento em Sociologia

O trabalho criativo em Portugal: uma análise a partir do caso do design de comunicação

Autor: Pedro Quintela

Entre o perfeito e o possível. Uma etnografia do bom cuidado na doença mental grave em Portugal

Autora: Joana Zózimo

Los Grupos de Teatro Universitário de Guayaquil : Caracterización y Procesos Creativos

Autora: Janina Suárez Pinzon

A Dinâmica Social da Pobreza

Autora: Rafael dos Santos da Silva

Doutoramento em Democracia no Século XXI

Housing struggles, occupations and evictions in the Lisbon metropolitan area

Autora: Saila Maria Saaristo

The role of participation in the new models of political party

Autor: Marco Meloni

Doutoramento em Sociologia: Cidades e Culturas Urbanas

Cidades Líquidas – Paisagens urbanas do Mondego-Coimbra

Autor: Bruno Franco Alves

Governança, Cidadania e Participação nas Pequenas e Médias Cidades: Estudo Comparado entre Cidades Portuguesas e Canadianas

Autora: Isabel Gonçalves Ferreira

Doutoramento em Sociologia: Relações de Trabalho, Desigualdades Sociais e Sindicalismo

Comunidades Ameaçadas? Reações, Limites e Possibilidades frente ao Capitalismo Global - O caso de uma comunidade no Pantanal brasileiro

Autora: Eloisa Rosana de Azeredo

Sindicalismo de movimento social e a organização das mulheres na CUT – Uma inspiração feminista

Autora: Deise Aparecida Recoaro

Juventudes nas trilhas incertas da vida e do trabalho no Brasil

Autora: Andréa Monteiro da Costa

Ao trabalho os seus direitos – A regulação sociojurídica laboral e o seu impacto na experiência dos/as trabalhadores/as

Autora: Andreia Santos

Doutoramento em Governança, Conhecimento e Inovação

O discurso de pagamento por serviços ambientais e a mudança institucional na governação da conservação ambiental: O caso da iniciativa REDD+ em Moçambique

Autor: Manuel Mutimucuio

Mobilidade e acessibilidade urbana na cidade de Campina Grande - Brasil. Uma tendência para a manutenção de um processo de exclusão social pelo transporte

Autor: José Lourenço Candido

What is a genetically modified seed? A study of the ontological politics of biotechnological innovation

Autora: Bela Irina Castro

Doutoramento em Pós-Colonialismos e Cidadania Global

Decolonizing Liberation, De-Patriarchalizing the Nation - Kurdish Women's Struggle as the Keystone of the Radical Democracy Project of Democratic Modernity

Autor: Ceren Akyos

"Por ti, Portugal, eu juro!" Memórias e testemunhos dos comandos africanos da Guiné (1971-1974)

Autora: Sofia da Palma Rodrigues

Não identidades que definem: para uma leitura contrapontual da antropofagia a partir da literatura brasileira de autoria negra

Autor: Dea Merlini

Las músicas originales: prácticas y discursos colaborativos de agrupaciones de música y danza indígena que participan en pasacalles populares de la ciudad de Santiago (Chile)

Autor: Sebastian Emiliano Zuñiga Gougain

Doutoramento em Direito, Justiça e Cidadania no Século XXI

Regulação dos Usos Florestais: estudo sobre os termos de uso para extrativismos vegetais no contexto das concessões empresariais na Floresta Estadual do Paru (Estado do Pará, Brasil)

Autor: Bruno Alberto Paracampo Mileo

O Excesso na Legítima Defesa à Luz dos Fins das Penas

Autor: Joaquim Carlos Sabino Biker Nobre Rogério

O transconstitucionalismo de inclusão social da OIT e o caso português

Autora: Marina Pessoa Henriques

I know it when I see it: Human Rights, Pornography and Prostitution: Legal and Regulatory Dilemmas, Justice and Citizenship in the 21st Century

Autora: Antónia Maria Martin Barradas

Práticas de democracia participativa no parlamento,

Autor: Wladimir Rodrigues Dias

Doutoramento Discursos: Cultura, História e Sociedade

Memórias Virtuais: Representações Digitais da Guerra Colonial

Autora: Verónica Ferreira

DIA DA SOCIOLOGIA

35/50: Pensar o futuro

14 de fevereiro 2023
Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

10h15
Auditório da FEUC
Mesa de Abertura

Álvaro Garrido
Diretor da FEUC

António Sousa Ribeiro
Diretor do CES

José Manuel Mendes
Coordenador do Núcleo de Sociologia

Sílvia Portugal
Co-Coordenadora do Doutoramento em Sociologia

Rosa Monteiro
Coordenadora do Mestrado em Sociologia

Ana Raquel Matos
Coordenadora da Licenciatura em Sociologia

Marta Mártires
Presidente da Direção do Núcleo de Estudantes de Sociologia da AAC

15h
Tiago Pereira, A Música Portuguesa a Gostar dela Própria

Comentário e diálogo com **Cláudia Pato de Carvalho**

18h
Biblioteca da FEUC
Lançamento da revista **Prisma.Soc nº10**

19h
Momento musical com **Sebastian Zuñiga e Bernardo Rocha**

11h
Fora do armário: o lugar da Sociologia na Epistemologia Queer

Ana Cristina Santos
Investigadora do Centro de Estudos Sociais

Organização:
Núcleo de Sociologia da FEUC
Núcleo de Estudantes de Sociologia da AAC



Comissão Editorial nº 10: Daniel Francisco, Daniel Neves Costa e Sílvia Portugal

Contactos

Email: newssoc@fe.uc.pt

Morada: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Av. Dias da Silva, 165, 3004-512 – Coimbra – Portugal.

Orientações para publicação:

A Newsletter *prisma.soc* é uma publicação dos cursos de Sociologia da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC) destinada à difusão de informação e à publicação de pequenos ensaios e reflexões, assim como à divulgação de encontros e eventos realizados na FEUC e outras instituições. A *prisma.soc* publica textos da autoria de estudantes e professores dos cursos de pós-graduação, mestrado e doutoramento em Sociologia, mas também aceita contribuições de todos/as interessados/as em divulgar trabalhos e informações de natureza sociológica. A decisão sobre a publicação de contributos não solicitados será comunicada com celeridade aos autores.

Os/as colaboradores/as da *prisma.soc* devem observar as seguintes limites para as várias rubricas (em número de caracteres, incluindo espaços): "No terreno": 5.000; "Ensaio": 7.000; "Encontro": 3.000. As restantes colaborações não solicitadas não devem exceder 3.000 caracteres.

Os textos propostos devem incluir uma imagem de ilustração, a ser enviada conjuntamente para: newssoc@fe.uc.pt.